

## Oscar Wilde

### O foguete notável

---

*O FILHO DO REI IA SE CASAR, de modo que todo mundo estava em festa. Ele havia esperado um ano inteiro por sua noiva, e ela finalmente havia chegado. Ela era uma Princesa russa, e tinha vindo desde lá da Finlândia em um trenó puxado por seis renas. O trenó era do feitio de um enorme cisne dourado, e entre as asas do cisne ficava a própria Princesinha. Sua longa capa de arminho chegava até os pés; na cabeça ela usava uma boininha pequena de tecido prateado, e ela era tão pálida quanto o Palácio de Neve no qual sempre havia vivido. Ela era tão pálida que quando passou pelas ruas todos ficaram espantados.*

*— Ela parece uma rosa branca! — gritavam, e atiravam flores de seus balcões.*

*No portão do Castelo, o Príncipe estava esperando para recebê-la. Ele tinha olhos violeta, sonhadores, e seus cabelos pareciam ouro refinado. Ao vê-la, ele abaixou-se sobre o joelho e beijou-lhe a mão.*

*— Seu retrato era lindo — murmurou ele —, mas você é mais linda do que seu retrato — e a Princesinha enrubesceu.*

*— Antes ela parecia uma rosa branca — disse um jovem Pajem a seu vizinho —, mas agora ela parece uma rosa vermelha — e toda a Corte ficou encantada.*

*Durante os três dias que se seguiram todo mundo andava de lá para cá dizendo "Rosa branca. Rosa vermelha. Rosa branca. Rosa vermelha" e o Rei deu ordem para dobrar o salário do Pajem. Como ele não recebia qualquer salário, a ordem não adiantou muito, mas foi considerada uma grande honra, e*

*publicada na Gazeta da Corte.*

*Ao fim desses três dias o casamento foi celebrado. Foi uma cerimônia magnífica, e a noiva e o noivo passaram, de mãos dadas, sob um dossel de veludo roxo bordado de pérolas. Depois houve um Banquete de Estado, que durou cinco horas. O Príncipe e a Princesa sentaram-se na extremidade do Grande Salão e beberam numa taça de cristal transparente. Só pessoas que realmente se amam é que podiam beber nesta taça, porque se lábios falsos a tocassem ela ficaria cinzenta e opaca.*

*— É evidente que esses dois se amam — disse o pequeno Pajem. — Está claro como cristal!*

*E o Rei dobrou o seu salário uma segunda vez.*

*— Que grande honra — exclamaram todos os cortesãos.*

*Depois do banquete haveria um Baile. O noivo e a noiva iam dançar juntos a Dança da Rosa, e o Rei prometeu tocar flauta. Ele tocava muito mal, mas ninguém jamais ousara dizer isso a ele, porque ele era o Rei. Para falar a verdade, ele só sabia duas melodias, e nunca sabia direito qual das duas ele estava tocando; mas não importava, pois fizesse o que fizesse, todo mundo gritava "Que encanto! Que encanto!"*

*O último evento do programa era uma grande queima de fogos de artifício, a ter lugar exatamente à meia-noite. A Princesinha jamais vira fogos de artifício em sua vida, de modo que o Rei tinha dado ordens ao Pirotécnico Real para que ele mesmo estivesse de serviço no dia do casamento.*

*— Como são os fogos de artifício? — perguntou ela ao Príncipe, certa manhã, quando estava passeando no terraço.*

*— Eles parecem com a Aurora Boreal — disse o Rei, que sempre respondia perguntas dirigidas a outras pessoas —, só que muito mais natural.*

*Eu pessoalmente os prefiro às estrelas, porque sempre se sabe quando eles vão aparecer, e são tão deliciosos quanto o som de minha flauta. Você não pode deixar de vê-los.*

*De modo que no fundo do jardim do Rei uma arquibancada foi construída, e logo que o Pirotécnico Real arrumou tudo em seu lugar certo, os fogos começaram a conversar uns com os outros.*

*— O mundo certamente é muito bonito — disse uma Estrelinha. — Olhem só aquelas tulipas amarelas. Puxa! Se elas fossem bombinhas de verdade não poderiam ser mais bonitas. Fico muito contente de ter viajado. A viagem enriquece a mente, e acaba com nossos preconceitos.*

*— O jardim do Rei não é o mundo, sua estrelinha tola — disse um grande Repuxo. — O mundo é um lugar enorme, e você levaria três dias para conhecê-lo por inteiro.*

*— Todo lugar em que se ama é o mundo para você — exclamou, pensativa, a Rodinha, que fora ligada a uma velha caixa de pinho logo no início da vida e orgulhava-se de seu coração partido. — Mas o amor não está mais em moda, os poetas o mataram. Escreveram tanto a respeito que ninguém acreditou mais neles, o que não me surpreende. O verdadeiro amor sofre, e cala. Lembro que eu mesma, certa vez... mas não importa agora. O romantismo pertence ao passado.*

*— Bobagem! — disse o Pistolão. — O romantismo nunca morre. É como a lua, que vive para sempre. A noiva e o noivo, por exemplo, amam-se profundamente. Eu soube tudo a respeito deles, hoje de manhã, de um cartucho comum, desses de papel pardo, que por acaso ficou na mesma gaveta que eu e me contou todas as novidades da Corte.*

*Mas a Rodinha sacudiu a cabeça.*

— O romantismo morreu, o romantismo morreu, o romantismo morreu —  
murmurou ela. Era uma dessas pessoas que acham que se uma coisa é repetida  
muitas vezes se torna verdade.

Repentinamente, uma tosse aguda e seca foi ouvida, e todos se viraram  
para ver do que se tratava.

A tosse vinha de um Foguete alto e com ares de superioridade, amarrado à  
ponta de uma vara comprida. Ele sempre tossia antes de fazer qualquer  
observação, a fim de atrair a atenção de todos.

— Rã-rã! — disse ele, e todos prestaram atenção, menos a pobre da  
Rodinha, que ainda estava sacudindo a cabeça e murmurando "O romantismo  
morreu!".

— Ordem! Ordem! — gritou uma Bombinha.

Ele era um tanto quanto político, sempre desempenhava papel importante  
nas eleições locais, e sabia usar todas as expressões parlamentares adequadas.

— Completamente morto — sussurrou a Rodinha, que então adormeceu.  
Tão logo o silêncio se tornou absoluto, o Foguete tossiu uma terceira vez e  
começou. Ele falava com uma voz lenta e clara, como se estivesse ditando  
suas memórias, e sempre olhava por cima do ombro da pessoa com a qual  
estava falando. Na verdade, tinha modos muito distintos.

— Que felicidade para o filho do Rei — notou ele. — Casar-se exatamente  
no dia em que vou ser lançado!

Realmente, se tudo houvesse sido planejado com antecedência, as coisas  
não poderiam ter saído melhor para ele: mas os Príncipes sempre têm sorte.

— Minha nossa! — disse a Estrelinha. — Eu pensei que era exatamente o  
contrário: que nós íamos ser queimados em honra do Príncipe!

— Talvez para você — respondeu ele. — Na verdade, não tenho dúvidas

*de que assim seja. Mas o meu caso é completamente diferente. Sou um Foguete muito notável, e descendo de notáveis pais. Minha mãe foi a Rodinha mais célebre de seu tempo, renomada por sua graciosa dança. Quando ela fez sua grande exibição pública, girou 19 vezes antes de se apagar, atirando sete estrelas cor-de-rosa a cada volta. Tinha um metro de diâmetro e era feita com a melhor pólvora que existe. Meu pai era um Foguete, como eu mesmo, e de origem francesa. Voou tão alto que todo mundo teve medo de que ele nunca mais caísse. Mas caiu, porque era de muito boa índole, executando uma brilhantíssima descida de chuva de ouro. Os jornais escreveram a respeito de sua atuação nos termos mais lisonjeiros. Para falar a verdade, a Gazeta da Corte chamou-o um triunfo da arte Pilotécnica.*

*— Pirotécnica, você quer dizer Pirotécnica — disse um Fogo-de-Bengala.*

*— Eu sei que é Pirotécnica porque li na minha própria lata.*

*— Bem, pois eu disse Pilotécnica — respondeu o Foguete, com tom de voz severo, e o Fogo-de-Bengala sentiu-se tão arrasado que começou a implicar com as estrelinhas, a fim de mostrar que continuava sendo uma pessoa importante. — Dizia eu — continuou o Foguete —, dizia eu... O que é que eu dizia?*

*— Estava falando de si mesmo — retrucou o Pistolão.*

*— Claro! Eu sabia que estava discorrendo sobre algum assunto interessante quando fui tão rudemente interrompido. Detesto grosseria e toda espécie de maus modos, pois sou extremamente sensível. Ninguém no mundo é tão sensível quanto eu, disso tenho absoluta certeza.*

*— O que é uma pessoa sensível? — perguntou a Bombinha ao Pistolão.*

*— É uma pessoa que, só porque tem calos, sempre pisa nos dedos dos pés dos outros — respondeu o Pistolão sussurrando baixinho, e a Bombinha quase*

*estourou de rir.*

*— Por favor, do que é que estão rindo? — indagou o Foguete. — Eu não estou rindo.*

*— Eu estou rindo porque estou contente — respondeu a Bombinha.*

*— Essa é uma razão bem egoísta — disse o Foguete, com raiva. — Que direito tem você de estar contente? Deveria estar pensando nos outros. Para falar a verdade, deveria estar pensando em mim. Eu estou sempre pensando em mim mesmo, e espero que todos os outros façam o mesmo. É isso que se chama solidariedade. É uma bela virtude, que eu possuo no mais alto grau. Suponha, por exemplo, que alguma coisa acontecesse comigo hoje à noite, que infelicidade isso seria para todos! O Príncipe e a Princesa jamais tornariam a ser felizes, toda a sua vida de casados ficaria estragada. E quanto ao Rei, sei que ele não conseguiria superar isto. Realmente, quando começo a pensar na importância da minha posição, quase chego às lágrimas.*

*— Se quiser dar prazer aos outros — gritou o Pistolão —, é melhor tratar de ficar seco.*

*— Isso mesmo — exclamou o Fogo-de-Bengala, que já estava se sentindo melhor. — Isso nada mais é do que bom senso.*

*— Bom senso, pois sim! — disse o Foguete, indignado. — Vocês se esquecem que eu sou muito incomum, e muito notável. Ora, bom senso qualquer um pode ter, desde que não tenha imaginação. Mas eu tenho imaginação, e jamais penso nas coisas assim como elas são. Sempre penso que podem ser algo completamente diferente. E quanto a me manter seco, é óbvio que por aqui não há ninguém capaz de apreciar uma natureza realmente emotiva. Felizmente para mim, pouco me importa. A única coisa que sustenta uma pessoa pela vida afora é a consciência da enorme inferioridade de todos*

*os que a cercam, sentimento esse que venho cultivando assiduamente. Mas nenhum de vocês tem coração, pois ficam todos rindo e se divertindo como se*

*o Príncipe e a Princesa não tivessem acabado de se casar.*

*— Ora, realmente — exclamou um Balãozinho. — E por que não? Trata-se de uma ocasião muito feliz, e quando eu subir para o ar pretendo contar tudo às estrelas. Vocês vão ver só como elas vão brilhar quando eu falar a respeito da linda noiva.*

*— Ah! Que visão mesquinha da vida! — disse o Foguete. — Mas era só isso mesmo que eu esperava. Não há nada dentro de vocês. Vocês são ocios e vazios. Ora, pode ser que o Príncipe e a Princesa vão morar em um país onde haja um rio fundo, e é possível que eles tenham um filho único, um menininho louro, de olhos violeta como os do próprio Príncipe. E pode ser que um dia ele saia para passear com a sua ama, e pode ser que a ama adormeça, ao lado de uma árvore, e pode ser que o menino caia no rio fundo e se afogue. Que terrível infelicidade! Pobre gente, perder seu filhinho único! E realmente uma desgraça! Eu jamais superarei o caso!*

*— Mas eles não perderam seu filhinho único — disse o Pistolão —, nenhuma desgraça lhes aconteceu.*

*Nem eu jamais disse que haviam perdido — respondeu o Foguete.*

*— Eu disse que poderiam perder. Se eles tivessem perdido seu filhinho único, não haveria nada mais a dizer a respeito. Detesto gente que chora sobre o leite derramado. Mas quando penso que eles poderiam perder seu único filho, isso certamente me afeta muito.*

*— Sem a menor dúvida! — gritou o Fogo-de-Bengala. — Para falar a verdade, você é a pessoa mais afetada que eu conheço.*

*— Você é a pessoa mais rude que eu jamais conheci — disse o Foguete.*

— E não pode sequer compreender minha amizade pelo Príncipe.

— Ora essa, você nem sequer o conhece — grunhiu o Pistolão.

— Eu jamais disse que o conhecia — respondeu o Foguete. — E ousou dizer que se o conhecesse eu não seria seu amigo, em absoluto. É muito perigosa essa história de se conhecer os amigos.

— Olhe, o melhor na verdade é você tratar de ficar seco — disse a Girândola. — Isso é muito importante.

— Muito importante para você, sem dúvida — respondeu o Foguete. Mas eu choro se quiser.

E ele efetivamente desatou-se em lágrimas de verdade, que escorreram por sua vara como gotas de chuva, e quase afogaram dois besourinhos que estavam pensando em morar juntos e procuravam um cantinho seco para montar sua casa.

— Ele deve ser de natureza realmente romântica — disse a Rodinha —, pois chora quando não há o menor motivo para chorar — e soltou um suspiro profundo, pensando em sua caixa de pinho.

Mas o Pistolão e o Fogo-de-Bengala estavam absolutamente indignados, e ficavam repetindo "Fingido! Fingido!" em voz bem alta. Eles eram extremamente práticos, e sempre que não concordavam com qualquer coisa diziam que era fingimento.

Então a lua apareceu como um maravilhoso escudo de prata, as estrelas começaram a brilhar, e do palácio saiu um som de música.

O Príncipe e a Princesa estavam conduzindo a dança. Eles dançavam de modo tão bonito que os lírios brancos mais compridos espiavam pelas janelas para vê-los, enquanto as grandes papoulas vermelhas acenavam com a cabeça para marcar o compasso.



*E então bateram dez horas, depois onze, e depois doze, e na última batida da meia-noite todo mundo saiu para o terraço, e o Rei mandou chamar o Pirotécnico Real.*

*— Que comecem os fogos — disse o Rei.*

*O Pirotécnico Real, depois de uma profunda reverência, marchou para o fundo do jardim. Iam com ele seis ajudantes, cada um dos quais levava uma tocha acesa na ponta de uma vara comprida.*

*Foi sem dúvida um espetáculo magnífico.*

*Vvvvsh! Vvvvsh!, fazia a Rodinha enquanto girava e girava. Bum! Bum!, respondeu o Pistolão. Então as Estrelinhas dançaram por toda parte, e os Fogos-de-Bengala fizeram tudo parecer vermelho. "Adeus!", gritou o Balão ao partir para o céu, pingando faíscas azuis. Pá! PA!, responderam as Bombinhas, que estavam se divertindo imensamente. Todo mundo fez muito sucesso, menos o Foguete Notável. Ele estava tão encharcado de tanto chorar que não haveria jeito de subir. A melhor coisa que havia nele era a pólvora, agora tão molhada com as lágrimas que não prestava mais para nada. Todos os seus parentes pobres, com os quais ele jamais falava, a não ser para fazer pouco, dispararam para o céu como maravilhosas flores douradas com pétalas de fogo.*

*— Viva! Viva! — gritava toda a Corte, e a Princesinha ria de contente.*

*— Suponho que estejam me reservando para alguma grande ocasião — disse o Foguete. — Não há dúvida de que foi isso o que aconteceu — e assumiu uma posição ainda mais pretensiosa do que a de costume.*

*No dia seguinte, os operários chegaram para arrumar tudo.*

*— Obviamente essa é uma delegação — disse o Foguete. — Vou recebê-la com a devida dignidade.*

*Então botou o nariz bem para cima, e começou a franzir bastante o cenho, como se estivesse pensando em alguma coisa muito séria. Mas nenhum dos operários sequer notou-o, até quase a hora de ir embora. Foi então que um deles reparou.*

*— Ora essa! — exclamou. — Olha só que foguete imprestável! — e atirou-o por cima do muro, em uma vala.*

*— Foguete imprestável? Que não presta? — disse ele, enquanto voava pelos ares. — Impossível! Foguete notável, foi isso que o homem disse. Imprestável e notável têm quase o mesmo som, e para falar a verdade são praticamente a mesma coisa — e caiu na lama. — Não há o menor conforto aqui — comentou ele —, mas sem dúvida deve tratar-se de alguma estação de águas em moda, onde me mandaram para recuperar minha saúde.*

*Meus nervos andam muito abalados, e eu preciso de repouso.*

*Foi então que um Sapinho, com olhinhos brilhantes como pedras preciosas e a pele verde toda malhadinha, nadou para perto dele.*

*— Estou vendo gente nova! — disse o Sapo. — Afinal, não há nada como a lama. Dêem-me um bom tempo chuvoso e uma vala, que eu fico mais que contente. Acha que teremos uma tarde molhada? Eu espero que sim. Mas o céu está azul e sem nuvens. Que pena!*

*— Rã-rã! — disse o Foguete, começando a tossir.*

*— Que voz encantadora a sua! — gritou o Sapo. — Realmente parece mesmo com um coaxo, e o coaxar, naturalmente, é o som mais musical do mundo. Hoje à noite você irá ouvir nosso coral. Nós nos sentamos no velho lago dos patos, perto da casa do fazendeiro, e começamos logo que a lua aparece. É tão fascinante que todo mundo fica acordado, escutando. Na verdade, ainda ontem eu ouvi a mulher do fazendeiro dizendo que não*

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

